

CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

Agressão à memória da história capixaba

O Espírito Santo não prima mesmo por guardar a memória do seu povo, vários exemplos confirmam essa nossa afirmativa. Agora mesmo, o prédio da antiga Assembleia Legislativa, na praça João Clímaco, em frente ao recém-restaurado Palácio Anchieta, está sendo carcomido pelo tempo, sem que ninguém se preocupe em evitar que isso aconteça.

O prédio em questão, durante quase três séculos, antes de abrigar o Legislativo estadual, foi a Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória, por isso seu valor histórico é indiscutível.

Não muito longe dali, na praça Misael Pena, no Parque Moscoso, foi perpetrado, em meados dos anos 60 do século passado, um outro crime contra a memória arquitetônica da cidade, quando o governo permitiu a demolição do antigo quartel da PM, que ocupava todo o quarteirão onde hoje funcionam as dependências do Sesc.

Tratava-se de monumento erguido na forma das antigas fortalezas medievais, com duas majestosas palmeiras erguidas em sua entrada principal. Uma séria agressão à história e à memória do nosso glorioso Espírito Santo.

O mesmo aconteceu no centro da capital, onde sobrados do tempo do Império ficam escondidos por placas publicitárias. De quando em quando, surgem promessas de revitalização desse pedaço histórico de Vitória, mas pouco tem sido feito nesse sentido.

Pois bem! Agora paira no ar nova ameaça à memória e à cultura dos capixabas, muito contraproducente em razão do que pode acontecer, caso se torne realidade.

Empresários do setor metalúrgico querem construir um porto de embarque de peças para plataformas de petróleo, justamente no local em que se ergue o Instituto de Readaptação Social Jair Etienne Dessaune, a popular penitenciária de Pedra D'Água, na Glória, em Vila Velha.

Para os que não sabem, faz-se mister esclarecer que foi ali que o governo, ainda nas mãos do venerável imperador Pedro II, no

ano da graça de 1889, ergueu a Hospedaria dos Imigrantes de Vitória, destinada a receber colonos europeus enviados para substituir a mão de obra escrava, que havia sido libertada no ano anterior.

Lá, imigrantes ficavam de quarentena até serem enviados às colônias nas antigas fazendas do interior – estima-se que recebeu cerca de 50 mil antepassados de três milhões de cidadãos capixabas.

Em 1924, o histórico edifício foi transformado na principal penitenciária do Espírito Santo, situação em que permanece até nossos dias, sendo também marco indelével na paisagem da baía que circunda a capital.

E nós indagamos: Como vai ser um porto de carga pesada funcionando quase em frente ao centro de artes, que está sendo construído na Praça do Papa, do outro lado da baía?

Além disso, será difícil o acesso ao porto, já que na área se localiza o movimentado bairro da Glória, onde funciona um pólo de confecções que atrai milhares de consumidores de todo o País.

Ora, porto já existe na região de Capuaba, com espaço

bastante para um outro cais de atracação de navios de grande calado. Como vai ficar o bairro da Glória, se um dia isso realmente se concretizar?

De mais a mais, resta a agressão à história e à memória do Estado, que poderia ter ali um porto sim, mas de atracação turística, para receber navios de cruzeiro e afins. Sem destruir a antiga hospedaria, nem causar prejuízos às comunidades da região e à paisagem da baía de Vitória.

Que nossos legisladores reflitam bem sobre o assunto.



Como vai ser um porto de carga pesada funcionando quase em frente ao centro de artes?